



Análise do potencial das flores de corte brasileiras entre MERCOSUL e UE no período de 2006 a 2012

Analysis of potential Brazilian cut flowers between Mercosur and EU in the period 2006 to 2012

Priscila Petrusca Messias Gomes SILVA¹ | Álvaro Barrantes HIDALGO²

Resumo: Este artigo tem por objetivo avaliar o potencial comercial das flores de corte brasileiras entre os países do MERCOSUL e UE que realizam transações internacionais significativas. A metodologia empregada na construção do trabalho consistiu no levantamento de dados sobre os valores monetários dos fluxos comerciais de flores de corte brasileiras obtidas na Divisão de Estatística das Nações Unidas (UN COMTRADE), das quais foram aplicadas no modelo de Índice de Intensidade Comercial (IIC). Os resultados obtidos descrevem que as exportações brasileiras de flores de corte obtiveram baixo grau de penetração nos Blocos MERCOSUL e UE, portanto, conclui-se que o mercado brasileiro passou a ser destino das exportações de flores de corte, sendo considerado potencial importador, que resulta em um novo padrão comercial neste segmento.

Palavras-chave: Flores de corte. Intensidade de comércio. Relação comercial.

Abstract: This paper aims to evaluate the commercial potential of cut flowers in Brazil among the countries of MERCOSUR and the EU that carry significant international transactions. The methodology used in the development of this work consisted of collecting data on the monetary value of trade of cut flowers obtained from the Brazilian Statistics Division of the United Nations (UN COMTRADE), which were applied to the model Trade Intensity Index (CII). The resulting data points out that Brazilian exports of cut flowers had low degree of entrance into MERCOSUR Blocks and the EU. Therefore, it can be concluded that the Brazilian market has become a destination for exports of cut flowers being considered as a potential importer, resulting in a new commercial standard in this segment.

Keywords: Cut flowers. Intensity of commerce. Commercial relationship.

Introdução

Com a abertura comercial, a economia mundial sofreu profundas modificações estruturais, como o impacto da nova concepção de competitividade a partir de avanços tecnológicos e experiências de comercialização entre países. Essas modificações resultaram em intensificações de fluxos comerciais entre regiões, países e blocos econômicos.

- 1 Graduada em Administração pela UFAL (2007), Mestra em Administração e Desenvolvimento Rural pela UFRPE (2012), doutoranda em Economia pela UFPE e professora dos Cursos Tecnológicos da Faculdade FAFIRE.
- 2 Graduado em Economia pela Universidade da Costa Rica (1973), Mestre em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (1978), Doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (1983) e professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco, Pesquisador do CNPq, categoria I D .

De modo geral, observa-se que a abordagem da competitividade se baseia nos primórdios da economia, desde a análise da vantagem absoluta de Adam Smith, o qual defendia que um país deve concentrar seus esforços na exportação de bens cuja produção seja com custos inferiores ao resto do mundo, até a análise da vantagem competitiva, ou seja, uma combinação ideal dos recursos humanos, capital e físicos que resultam em uma produtividade adequada e diferenciada para atender a demanda. Neste caso, pode-se dizer que a prosperidade da economia internacional está vinculada à abundância dos fatores de produção e à eficiente gestão dos recursos naturais. (KRUGMAN & OBSTFELD, 2005).

No Brasil, foi a partir de 1990, com uma reformulação abrangente no regime comercial direcionado à política econômica para a liberação do comércio internacional e a redução do intervencionismo do Estado que o País deu início ao compromisso político com o livre comércio, com a ideia dos ganhos comerciais e o aumento do bem-estar nacional. Esta mudança incluía desde a eliminação de barreiras não tarifárias até um programa de reformas na política industrial brasileira. Desse modo, o governo brasileiro adotou diversas medidas de maior liberdade cambial, com intuito de proteger o setor produtivo interno e modernizar tecnologicamente os parques industriais (MEDEIROS, 2011).

No tocante ao impacto da abertura comercial no Brasil, verificam-se estudos já realizados sobre o efeito na produtividade, na distribuição da renda, os efeitos positivos relacionados à oferta de mão de obra especializada, ao nível de concorrência entre empresas, podendo citar alguns estudos desta ordem, como, por exemplo, o estudo desenvolvido por Hidalgo e Campos (2012), no qual procuravam evidenciar os efeitos da abertura comercial e da globalização sobre a distribuição da renda, e estudos feitos por Hidalgo e Feistel (2013) que buscavam analisar, após a abertura comercial, as mudanças ocorridas na estrutura do comércio brasileiro, dentre inúmeros estudos realizados anteriormente.

Observa-se, então, que o movimento de liberação comercial internacional permitiu um aumento nas trocas comerciais e da especialização a nível internacional, com emprego eficiente de recursos produtivos. Além de que, à medida que um país vai se desenvolvendo, sua pauta de importação e exportação vai se diversificando.

Devido à abertura comercial e aos acordos entre os blocos econômicos, a floricultura brasileira vem se destacando como o setor que movimenta cerca de US\$ 18 bilhões no mercado produtor e US\$ 54 bilhões no mercado consumidor. Segundo o Ex-Presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil, Renato Opitz, o setor no Brasil chegou a faturar em 2009 cerca de US\$ 750 milhões (MAPA, 2010). Contudo, com a valorização do real frente ao dólar, o mercado exportador perdeu competitividade, principalmente em função da recente crise de 2008/2009 em mercados compradores tradicionais, como EUA e Holanda.

Cabe ressaltar que no período de 2000 a 2008 o País viveu um processo ininterrupto de variação positiva nas exportações de flores e plantas ornamentais, apresentando uma

performance representativa. Em 2000, as exportações foram de US\$ 11,97 milhões, e chegaram ao patamar de US\$ 35,50 milhões em 2008. (JUNQUEIRA & PEETZ, 2013). No entanto, houve uma redução nas exportações devido à retração internacional deflagrada pela crise econômica e financeira internacional iniciada em setembro de 2008. Por exemplo, em 2012, as exportações decaíram para US\$ 26 milhões. (IBRAFLOR, 2013).

De acordo com Silva (2006), o comércio internacional de plantas vivas e produtos de floricultura do Brasil apresentou um crescimento substancial nas exportações, no período de 1998 a 2004, chegando a ter uma taxa média de crescimento de 12,54% ao ano. Os anos de 2003 e 2004 revelam altos índices da taxa de crescimento (TAC) e dos valores comercializados (Tabela 1).

Tabela 1 - Variação das Exportações Brasileiras de Plantas Vivas e Produtos de Floricultura-1998 a 2004

Anos	Valores Exportados (US\$)	Taxa de Crescimento
1998	12.042.000	-
1999	13.123.000	8,98
2000	11.884.000	(9,44)
2001	13.286.000	11,79
2002	15.022.000	13,06
2003	19.533.000	30,02
2004	23.608.000	20,86
Média	15.499.710	
TAC	12,54	

Fonte: Adaptado de Silva (2006).

Conforme dados da tabela 1, a média anual do valor das exportações brasileiras de plantas vivas e produtos de floricultura, em todo o período, chegou a US\$ 15,5 milhões, sendo que em 2004 os valores das exportações chegaram a US\$ 23,6 milhões no qual 26,74% do valor correspondem às exportações brasileiras de flores de corte. A média anual no período de 2000 a 2007 esteve em torno de US\$ 3,7 milhões ao ano (Tabela 2).

Sendo assim, com a expansão do mercado e os bons resultados com a exportação de produtos florícolas, os produtores e distribuidores tinham trilhado um caminho “florido” entre 2000 e 2006, inclusive incrementando as discussões entre as organizações públicas e privadas sobre a floricultura como atividade econômica. Então, com a expansão das exportações de flores e plantas ornamentais brasileiras, a partir de 2000 se fez necessária a criação de programas de apoio ao setor, como o FloraBasilis, que tem como finalidade otimizar as exportações de flores e plantas ornamentais brasileiras, a partir de

diagnósticos dos principais mercados, e prospecção de novos produtos, com o intuito de divulgação de produtos da horticultura ornamental brasileira.

Tabela 2 – Variações das Exportações Brasileiras de Flores de Corte – 2000 a 2007

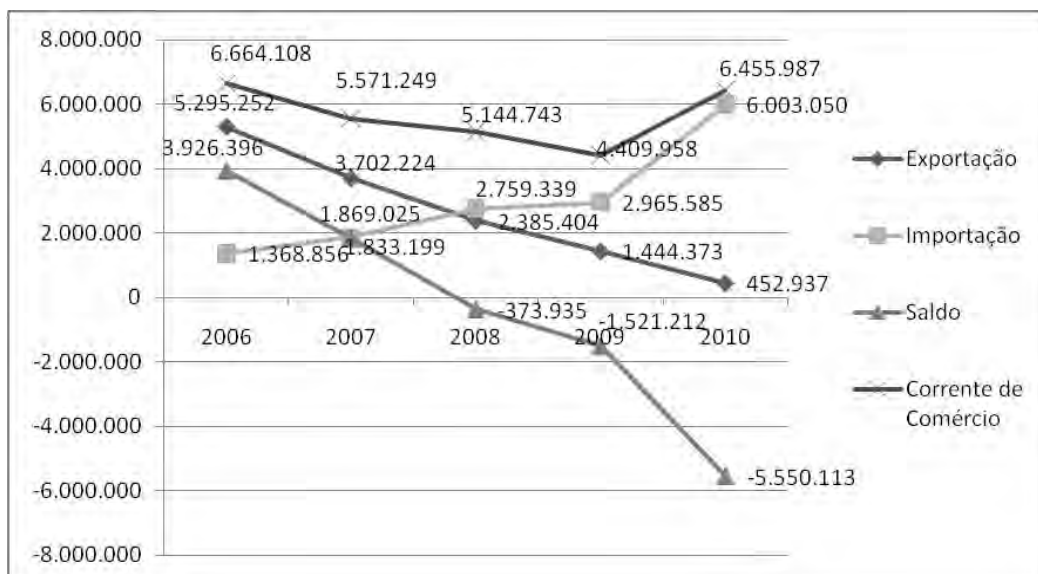
Anos	Valores Exportados (US\$)	Taxa de Crescimento
2000	379.163	-
2001	890.527	134,87
2002	2.087.827	134,45
2003	4.234.459	102,82
2004	6.313.500	49,1
2005	6.470.440	2,49
2006	5.295.252	(18,16)
2007	3.702.224	(30,08)
Média	3.671.674	
TAC	53,64	

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da UN COMTRADE (2010).

Contudo, as exportações de produtos da floricultura começaram a apresentar retrações a partir do ano de 2007, porém o desempenho nas exportações brasileiras do setor florícola foi conduzido por produtos secundários, como mudas e bulbos destinados a produtores e produtos tradicionais, como as rosas destinadas a produtores e consumidores finais (JUNQUEIRA & PEETZ, 2010).

Os estados que tiveram destaque nas exportações de mudas em 2010 foram São Paulo, com 69,89%, Rio Grande de Sul, com 26,43%, Santa Catarina, com 2,74%, Ceará, com 0,83% e Distrito Federal, com 0,11%, e nas exportações de bulbos foram os estados de São Paulo, com 78,65% e Ceará, com 21,35% (JUNQUEIRA & PEETZ, 2011). Já as exportações de rosas tiveram maior densidade nos estados do Ceará, com 58,53%, São Paulo, com 21,62% e Minas Gerais, com 19,85%, para o primeiro semestre de 2010 (JUNQUEIRA & PEETZ, 2010).

Sendo assim, observa-se que o setor desde 2007 vinha dando sinal de desaceleração das exportações e uma especulação para o aumento nas importações (Gráfico 1). O ponto crucial para o setor foi em 2008, com a crise que assolava os principais parceiros de exportação brasileira.

Gráfico 1 – Fluxos Comerciais de Flores de Corte Brasileiras para o Mundo (2006-2010)

Fonte: Un Comtrade, 2011. Elaboração própria.

Com a estabilidade econômica, financeira e política no Brasil, e com a variação da taxa de câmbio, os produtores e agentes intermediários importaram mais produtos florícolas do que exportaram, pois, como a exportação é efetuada em dólar e a moeda norte-americana estava desvalorizada, era mais vantajoso atender o mercado interno, que acabara de ficar aquecido, do que exportar.

Contudo, os efeitos recessivos da crise econômica e financeira de 2008/2009 refletiram sobre a dinâmica comercial mundial de flores. Os principais importadores das flores e plantas ornamentais do Brasil reduziram suas transações comerciais por causa do efeito da valorização do câmbio, do declínio no poder de compra e do aumento do índice de endividamento entre os principais parceiros internacionais.

Ainda assim, o mercado europeu foi um dos principais destinos das exportações de flores de corte brasileira no período de 2006 a 2010, com a presença predominante da Holanda, Alemanha, Portugal e Itália.

A partir dos dados relatados anteriormente, o País passou de ter potencial exportador no setor de floricultura para ser considerado potencial importador neste setor. Isto se deve à valorização da floricultura brasileira e ao crescimento do mercado interno. Cabe ressaltar que a valorização cambial do real favoreceu o aumento de flores e plantas ornamentais estrangeiras no País. Destaca-se que, no período de 2010 a 2012, as importações totais de rosas cortadas pelo Brasil elevaram-se de US\$ 4,55 milhões para US\$ 6,08 milhões (ANUÁRIO DE FLORES, 2014).

Portanto, para entender a recente perda de dinamismo dos principais parceiros comerciais de flores de corte brasileiras, fez-se necessário discutir sobre as transações

comerciais de flores de corte brasileiras entre seus principais importadores, e entender o porquê da pouca representatividade das exportações de flores de corte brasileiras no comércio mundial. Outro fato é que o setor de flores de corte pode ser considerado sensível ao processo de integração regional, por causa de suas características, tais como irregularidade na oferta em razão de fatores climáticos e necessidade de maior tempo para que sejam implementadas mudanças estruturais de produção e comercialização. Assim, fica exposta a necessidade de identificar qual seria o potencial das flores de corte brasileiras no comércio internacional.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é investigar o potencial das flores de corte brasileiras frente aos principais países integrantes de acordos inter-regionais, como a União Europeia (UE) e o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), que realizam transações comerciais significativas no segmento.

Fundamentação teórica

A Teoria Econômica Internacional tem buscado explicar a mudança nas trocas internacionais que provocam alterações nas relações comerciais entre países, regiões ou blocos econômicos. Partindo da vantagem absoluta de Adam Smith, um país só obtém vantagem absoluta se o custo de produzir um produto for menor do que o custo de produção em outros países (MAIA, 2001). Para Gonçalves et al. (1998, p.12), na perspectiva de Smith, um país só poderia ter vantagem numa relação comercial internacional quando “o tempo de trabalho necessário para produzir pelo menos um produto fosse inferior àquele do exterior”. Assim, a Teoria da Vantagem Absoluta afirmava que um país deve se especializar em produzir uma mercadoria em menos horas trabalhadas, com maior produtividade e menos custos de produção em relação a um outro país concorrente, isto é, comprar tudo aquilo que não produz, ou seja, que não é especialista, que não seja vantajoso produzir. Logo, permitiria a troca de produtos entre regiões e/ou países de mercadorias especializadas fabricadas com maior produtividade e mais baratas.

A Teoria de Vantagem Comparativa foi desenvolvida por David Ricardo, sendo uma reformulação da vantagem absoluta, que tem como ideia central o livre comércio e comparação entre produtividades contínuas. Assim, o comércio entre dois países poderá existir, porque a vantagem do país ‘X’ em uma mercadoria supera a falta de vantagem na troca de outra mercadoria distinta com o país ‘Y’. (WILLIAMSON, 1989). Desta forma, Kenen (1998) menciona que a adoção de inovações tecnológicas e o emprego de habilidades em determinadas atividades podem fazer diferença na produtividade e competitividade entre países e/ou regiões. Entretanto, a produtividade não é condição necessária para um país/região/setor ter vantagem competitiva e apresentar ganhos comerciais, mas está intimamente ligada a salários relativos pagos aos trabalhadores e à especialização de produzir determinado bem (KRUGMAN & OBSTFELD, 2005). Portanto, o modelo

ricardiano defendia que a base do comércio seria as diferenças tecnológicas existentes entre os países (ROSSETTI, 1994).

Na perspectiva de Stuart Mill, o comércio internacional só poderá acontecer quando for determinado pela procura da mercadoria do outro país, ou seja, pela demanda recíproca. Isso conduz à compreensão que o comércio entre dois países, na visão de Mill, deve levar em conta as curvas de demanda na relação de troca de produtos de cada país. Mill trata a procura de um produto de cada país pela exportação do outro país, formulando a teoria da demanda recíproca, a qual seria desenvolvida profundamente mais tarde, na mesma rota teórica, por Marshall – as curvas de demanda recíproca (MEERHAEGHE, 1976).

Assim, pode-se considerar o comércio como um fator favorável para o crescimento econômico, onde o que define o interesse de procura de cada produto num país são as relações de troca, isto é, as flutuações de preços nas importações e exportações e o rendimento. Por sua vez, o crescimento poderá estar apoiado no aumento da produtividade, na expansão das exportações de um país, no processo de melhoramento tecnológico e na redução de custos e na política comercial estratégica de exportação.

Então, pode-se deduzir que o fluxo comercial internacional resulta em novos processos e tecnologias que precisamente serão difundidas e adotadas na produção e comercialização de um produto, com intenção de que os países consigam manter suas transações rentáveis e continuem competitivos no mercado global.

Os efeitos das exportações são favoráveis na capacidade de importação que são sustentadas pelo ingresso de capitais externos, fonte principal de divisas, para fomentar o acesso às tecnologias industriais, entre ampliação das escalas de produção, que implica na expansão do mercado doméstico e melhorias nos processos de produção resultantes nos ganhos de escala, o que suscita em efeitos multiplicadores, estimulando a economia, e provoca o crescimento e a propagação de emprego, que, por consequência, eleva a renda, que, por sua vez, é canalizada para setores da economia, aquecendo o mercado (ROSSETTI, 1994).

O processo de eliminação de barreiras no comércio, o discernimento da importância da união aduaneira e a harmonização de livre circulação de fatores de produção desencadeou movimentos de modificações no funcionamento do comércio internacional (MEERHAEGHE, 1976; GONÇALVES et al, 1998).

A necessidade de relacionar padrões internacionais de política comercial entre países resultou em acordos e formas de integração econômica, visando ao estabelecimento de uma política comercial comum, que possibilita a ampliação do comércio, abolindo as restrições transacionais (ROSSETTI, 1994; GONÇALVES et al, 1998). É claro que esse argumento obteve maior relevância à medida que os países começaram a interagir economicamente em busca de maximizar os ganhos econômicos, com redução de custos de produção, na tentativa de equalizar a concorrência, além de ajustar e pôr regras num mercado oligopolizado.

A necessidade desse ajustamento levou os países a interagirem na possibilidade de expandirem seus limites comerciais, eliminarem as barreiras alfandegárias com a integração econômica e os blocos econômicos e seus acordos, que satisfatoriamente estimulam e desenvolvem o comércio das regiões. Visto que o que ocorre nessas negociações e acordos são restrições voluntárias às exportações, em que negociam uma proporção aceitável de importação que, por sua vez, limita a exportação de um determinado produto para o país importador (KRUGMAN & OBSTFELD, 2001, apud ANDRIGHI, 2007).

Assim, a competitividade dos países foi afetada com a consolidação dos blocos econômicos, ficando acirradas e agressivas, com a inserção de firmas internacionais em mercados brasileiros, e o mesmo acontece em outras partes do mundo, em que, no entanto, a integração facilita as trocas comerciais, aumenta a circulação de mercadorias, favorece a demanda e determina as regras do jogo com seus contratos.

Em suma, as relações de troca de mercadorias no comércio internacional pressupõem que os agentes tentam diminuir as distorções nas transações coletando informações das economias de outros mercados, que, por outro lado, adotam medidas de proteção aduaneira e firmam contratos a serem cumpridos, apresentam traços essenciais de um novo contexto estabelecido entre parceiros, na compatibilidade de ativos específicos, com a formação de alianças e acordos na transferência de tecnologia, a qual impulsiona o desenvolvimento de uma integração econômica e política, na finalidade de estimular o crescimento de mercados integrados entre os países.

Procedimentos metodológicos

Para atingir o objetivo da pesquisa, que consiste em investigar o comportamento das flores de corte em determinados mercados, utilizou-se índice econômico de avaliação dos fluxos comerciais entre países/regiões, com a finalidade de captar o potencial comercial das flores de corte brasileiras.

O índice aplicado na pesquisa foi o Índice de Intensidade Comercial (IIC), que analisa a intensidade das trocas comerciais, além de destacar as tendências nas mudanças bilaterais, além de fornecer informações sobre as mudanças nos padrões de comércio.

O Índice de Intensidade de Comércio (IIC) é definido como:

$$IIC_{kij} = [X_{kij} \div X_{ki}] / [M_{kj} \div M_{kw}] \text{ onde, (1)}$$

IIC_{ij} = Índice de Intensidade de Comércio do país i para o país j em relação ao produto “k”;

X_{kij} representa exportações do país i para o país j em relação ao produto “k”;

X_{ki} representa exportações totais do país i em relação ao produto “k”;

M_{kj} indica importações do país j em relação ao produto “k”;

M_{kw} indica importações totais mundiais em relação ao produto “k”;

k é o produto que neste caso são as flores de corte.

Existem duas formas para interpretar este índice, se o $ICK_{ij} = 1$, indica que é menos importante ou indiferente a exportação do produto para este mercado, e se o $ICK_{ij} > 1$, indica um mercado importante para a exportação do produto neste mercado. Para tanto, quanto maior for o valor positivo acima de 1, maiores são as tendências de comércio bilateral, e quanto menor for o valor abaixo de 1, menores são as chances de obter um comércio bilateral.

A principal fonte de dados utilizada para o estudo foi a Divisão de Estatística das Nações Unidas (UM COMTRADE) que se buscou pelos valores monetários (US\$) da exportação e importação de flores de corte brasileiras com características Free on Board (FOB), no período de 2006 a 2010. A coleta de dados foi procedida através da busca de informação dos fluxos comerciais expressos em dólar/FOB, entre o Brasil e os seguintes países: Argentina, Paraguai, Uruguai (MERCOSUL), Holanda, Alemanha, Portugal e Itália (UE). O objeto de estudo selecionado para a pesquisa foi flores de corte “frescas” (HS: 2002, Código: 060310).

Resultados e discussão

Os resultados contemplam as propostas apresentadas na pesquisa, que são: o grau de penetração das exportações brasileiras de flores de corte em relação à Holanda, Alemanha, Portugal, Itália, na UE, Argentina, Paraguai e Uruguai, no MERCOSUL, e a intensidade das trocas comerciais das flores de corte brasileiras em relação à Holanda, Alemanha, Portugal, Itália, na UE, e Argentina, no MERCOSUL.

Relações Comerciais de Flores de Corte Brasileiras

Nos anos de 2006 e 2007, as flores de corte brasileiras tiveram baixo grau de penetração na região do MERCOSUL e da UE, apresentando mudanças no padrão comercial a partir de 2008. Cabe ressaltar que o percentual total das exportações brasileiras de flores de corte para a UE foi maior do que o percentual total de exportação das flores de corte para o MERCOSUL.

Portanto, convém evidenciar a retração do comércio internacional em relação às flores de corte brasileiras, devido à desvalorização da moeda norte-americana a partir da crise financeira instalada em 2008, e a estabilidade da economia interna brasileira, tendo uma expansão do setor movido pelo consumo interno. Sendo assim, podem-se verificar os principais importadores das flores de corte brasileiras e seus respectivos valores do período de 2006 a 2010 (Tabela 3).

Conforme tabela abaixo, verifica-se que os maiores países importadores das flores brasileiras no período de 2002 a 2010 foram USA e Holanda, com respectivos somatórios em valores de US\$ 16 milhões e US\$ 9 milhões.

Tabela 3 – Top 5 dos Países Importadores de Flores de Corte Brasileiras e as Exportações Totais de Flores de Corte brasileiras (2006 - 2010)

Países	Somatório dos valores das importações de flores brasileiras nos anos de 2002 a 2010 (US\$)	Anos	Valores totais das exportações de flores de corte brasileiras (US\$)
USA	16.013.939	2006	5.295.252
Holanda	9.853.479	2007	3.702.224
Portugal	3.319.896	2008	2.385.404
Canadá	571.007	2009	1.444.373
Alemanha	535.144	2010	452.937
Outros Países	2.092.951		

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade/ONU.

Como pode ser visto, os parceiros comerciais do Bloco MERCOSUL encontram-se no item Outros Países. Isto significa que as flores de corte brasileiras não são fortes produtos na pauta exportadora intrabloco, mesmo sabendo que a Argentina é o maior parceiro comercial do Brasil no MERCOSUL.

Além disso, identificou-se uma desaceleração das exportações brasileiras de flores de corte, por motivos de processos produtivos muito dispendiosos, custo de transporte alto devido às oscilações de quantidade comercializada, falta de parceira entre produtores, intermediadores e compradores na comercialização, com a visão de quem ganha mais, que acaba desestruturando o setor, sendo que esta situação poderia ser reduzida pela oferta contínua o ano todo.

Vale salientar que, por mais que obtivesse redução nas exportações de flores de corte para a Holanda, percebe-se que a Holanda continua sendo o 2º maior parceiro comercial do Brasil em flores de corte, no acumulativo durante nove anos (Tabela 3). A partir deste fato, pode-se analisar a participação percentual das flores de corte brasileiras nas importações mundiais da Holanda neste segmento (Tabela 4).

Tabela 4 – Exportações Brasileiras de Flores de Corte e a participação nas importações mundiais holandesas

Período	Importações Mundiais da Holanda de Flores de Corte (US\$)	Exportações brasileiras de flores de corte para Holanda (US\$)	Participação (%)
2006	587.850.893	1.735.624	0,3

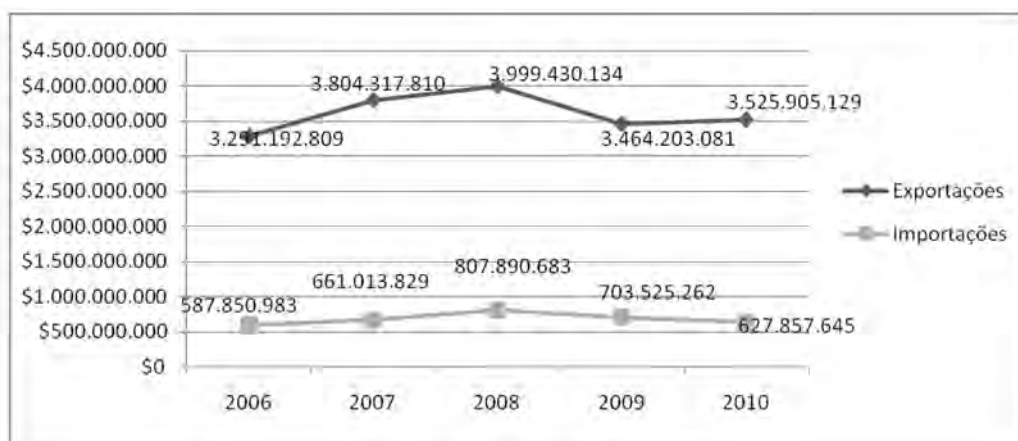
2007	661.013.829	1.145.526	0,17
2008	807.890.683	841.332	0,10
2009	703.525.262	630.511	0,089
2010	627.857.645	253.847	0,04

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade/ONU.

Fica evidente que os resultados da participação das flores de corte brasileiras nas importações holandesas refletem um baixo grau de participação do produto brasileiro na Holanda. Isso se deve pelo fato de a Holanda ser um dos maiores produtores de flores do mundo, com destaque para dois tipos de flores: rosas e crisântemos.

Contudo, pode-se dizer que a Holanda é a porta de entrada para comercializar flores de corte na UE, principalmente as flores tidas como exóticas – as flores tropicais. Os fluxos comerciais da Holanda para o mundo no período de 2006 a 2010 (Gráfico 2) mostram que a Holanda pode ser considerada a maior exportadora de flores de corte do mundo. Durante o período de 2007 a 2010, as exportações de flores de corte da Holanda tiveram um somatório no valor de US\$ 14.793.856.154 bilhões, que ficou na 4ª posição na relação dos maiores importadores de flores de corte do mundo, com um montante de US\$ 2.800.287.419 bilhões (UN COMTRADE, 2014).

Gráfico 2 – Fluxo Comercial de Flores de Corte da Holanda para o Mundo no período de 2006-2010



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade/ONU.

Dentre os anos analisados, em 2008 as exportações e importações de flores de corte obtiveram um aumento na corrente de comércio, e a retração nos fluxos comerciais dos anos subsequentes se deu pela crise financeira mundial no final de 2008.

Então, para a floricultura brasileira ampliar sua participação no comércio internacional, será preciso conhecer seus importadores, procurando atender as exigências impostas pelos clientes. Uma dessas exigências, de acordo com a pesquisa, seria a falta de credibilidade nas transações comerciais brasileiras no mercado internacional, devido aos atrasos de entrega e ao descumprimento de algumas cláusulas no contrato firmado entre as empresas negociadoras, surgindo incertezas em novos fechamentos de contratos.

Indicador de Intensidade de Comércio

Este Índice de Intensidade de Comércio – IIC revela a intensidade de trocas comerciais do setor de flores de corte entre Brasil e Argentina (MERCOSUL) e a relação entre Brasil-Alemanha, Brasil-Holanda, Brasil-Portugal e Brasil-Itália (UE) compreendido no período de 2006 a 2012. Como pode ser visualizado na Tabela 5, o Brasil obteve expressiva participação crescente nas exportações de flores de corte para Portugal, exibindo valores superiores a uma unidade durante o período analisado.

Tabela 5 – Indicador de Intensidade Comercial (IIC) de Flores de Corte Brasileira na UE (de 2006 a 2012)

Países	2006	2007	2008	2009*	2010*	2011*	2012*
Alemanha	0,037	0,177	0,547	0,024	-	0,023	-
Holanda	3,41	3,17	3,15	4,03	5,87	7,48	7,47
Portugal	31,7	39,35	61,02	81,81	49,20	63,75	85,76
Itália	0,22	0,14	0,11	-	-	-	-

*Observa-se que nestes anos as exportações das flores de corte do Brasil foram insignificantes, optando por não calcular o IIC, pois alteraria o resultado.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade/ONU.

Os resultados mostram uma evolução da intensidade de comércio para Portugal, de 31,7, em 2006, para 85,76, em 2012. Contudo, isso se deve pela diminuição das importações de flores de corte brasileiras e do resto do mundo por Portugal, além do aumento das importações mundiais totais de flores de corte no período de 2009 a 2012, conforme a tabela 7. No entanto, este fato pode ser explicado também pela semelhança no idioma, que será de fácil compreensão na realização das transações comerciais, e pela existência de voos diretos pelas companhias aéreas TAP/PT e AIR HOLLAND, via Aeroporto Internacional Pinto Martins – CE.

Portanto, o IIC de Portugal evoluiu devido ao aumento das importações portuguesas, que por sua vez é inferior aos acréscimos nas importações do resto do mundo, e que, no entanto, foi observada a redução das exportações brasileiras totais de flores de corte. Assim, pode-se dizer que o valor das importações totais de flores de corte de Portugal foi superior em relação às exportações brasileiras de flores de corte para o mundo. Durante

o período verificado, Portugal chegou a importar, no total, o valor de US\$ 144.063.216,00, enquanto o Brasil exportou para Portugal, no total, o valor de US\$ 1.852.680,00, e para o resto do mundo US\$ 142.210.536,00. Isso significa uma participação de 1,29% nas importações totais portuguesas de flores de corte brasileira ao longo de todo o período analisado. Neste sentido, apresenta-se a participação das exportações brasileiras desse setor nas importações de Portugal no período de 2006 a 2012 (Tabela 6).

Tabela 6 – Participação das Flores de Corte Brasileiras nas Importações de Portugal

Ano	Valor das Exportações Brasileiras de Flores de Corte para Portugal (US\$)	Valores das Importações Totais de Flores de Corte por Portugal (US\$)	Participação (%)
2006	511.683	18.655.927	2,74
2007	504.773	23.503.364	2,14
2008	396.626	19.725.740	2,0
2009	260.780	14.329.956	1,82
2010	83.883	25.798.559	0,33
2011	59.830	23.816.364	0,25
2012	35.105	18.230.306	0,2
Total	1.852.680	144.063.216	1,29

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade.

Portanto, para esclarecer o IIC de Portugal no comércio bilateral com o Brasil, destacam-se as oscilações diferentes das importações mundiais de flores de corte por Portugal com as importações mundiais deste setor. Os resultados expostos do IIC de Portugal evidenciam uma expansão de mercado ou uma nova tendência de comércio para este mercado de flores.

Contudo, os dados nos alertam pela falta de integração neste mercado, mesmo sabendo que Portugal obteve o maior IIC da região UE, no qual este fato se deu por conta do aumento das importações mundiais da União Europeia em floricultura. Não se pode esquecer da Holanda, que é considerada um dos principais países importadores das flores do Brasil. Mas, observa-se na Tabela 5 que o IIC da Holanda foi praticamente permanente, com poucas oscilações, ou seja, evoluiu de 3,41, em 2006, para 4,03, em 2009, uma variação de 18,19%. Contudo, chegou em 2012 com 7,47, tendo uma variação total de 119%.

Sendo assim, verifica-se o que ocorreu com as transações comerciais de flores de corte a partir do Brasil para Holanda e como está sendo a trajetória da importação mundial deste setor, na tabela 7.

Tabela 7 – Fluxo Comercial de Flores de Corte do Brasil e da Holanda x Importação Mundial das Flores de Corte (2006 a 2012)

Ano	Exportações das Flores de Corte Brasileiras para Holanda (US\$)	Importações Mundiais de Flores de Corte da Holanda (US\$)	Importações Mundiais de Flores de Corte (US\$)
2006	1.735.624	587.850.893	6.121.350.867
2007	1.145.526	661.013.829	6.784.450.562
2008	841.332	807.890.683	7.239.339.447
2009	630.511	703.525.262	6.493.019.833
2010	253.847	627.857.645	6.854.444.199
2011	218.876	741.777.077	7.582.407.901
2012	121.676	725.155.407	7.400.139.880

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade/ONU.

Diante de tal realidade, percebe-se que o Brasil reduziu suas exportações com o parceiro comercial Holanda, e constata-se que a Holanda consegue acompanhar as flutuações do comércio mundial, apresentando uma relação direta no impacto das transações comerciais, pelo menos no período de 2006-2012. Contudo, mesmo o Brasil experimentando declínio nas exportações de flores de corte para a Holanda, e perdendo posição relativa no comércio perante seu parceiro, fica evidente a relação bilateral entre Brasil-Holanda, com índice de 7 pontos em 2012 (Tabela 5). Pode-se explicar este índice pelo fato de a importação de flores de corte holandesa aumentar no período de 2010 a 2012, e a diminuição nas exportações brasileiras sofre tais alterações devido à retração de comércio por conta da falta de especialização técnica produtiva da floricultura tropical e à ausência de certificados de qualidade de padrão unificado que garantam a conservação e preservação da inflorescência, desde o cultivo até a distribuição.

Entretanto, o mercado mundial de flores de corte apresentou-se aquecido, permitindo dizer que a abertura comercial colaborou para o aumento do comércio e que a pauta de exportação das flores de corte mostra-se diversificada.

Por fim, de acordo com o IIC da Holanda, pode-se destacar que mesmo com a desaceleração das exportações de flores de corte brasileiras para a Holanda, este país continua sendo um mercado importante para as exportações brasileiras de flores de corte.

Nas análises realizadas, a relação comercial do Brasil com Alemanha e Itália no período de 2006 a 2012 deixa evidente a indiferença das exportações das flores de corte para estes mercados, e indica que menos prováveis serão as tendências de comércio bilateral entre Brasil-Alemanha e Brasil-Itália (Tabela 5). Este fato ocorre porque Alemanha e Itália adquirem flores da Holanda, que, por sua vez, compra flores brasileiras e de outros países, agregam valor com suas marcas e rótulos, como Carrefour Line, FloraHolland, FLORIMARK, e exportam para mercados da UE, ou seja, intrabloco.

Contudo, a expansão das marcas e rótulos no mercado europeu representando a qualidade dos produtos, o respeito ao meio ambiente e aos direitos humanos e a confiabilidade e rastreabilidade, corresponde à barreira de entrada para muitos produtores de flores de corte que não conseguem se adequar às exigências deste mercado, pelo fato dos altos custos inseridos na adequação e o baixo nível de prestígio entre compradores e produtores extrablocos econômicos.

Na Tabela 8 encontra-se o comportamento do Índice de Intensidade Comercial da Argentina, país membro do MERCOSUL. De acordo com os resultados, nota-se que a relação entre Brasil e Argentina no setor de flores de corte exhibe fragilidade e quase nenhuma transação comercial significativa, pois, com a relação comercial de flores enfraquecida, a Argentina passa a ser considerada um país menos importante para este mercado. Todavia, a Argentina vem aumentando suas importações de flores de corte.

Tabela 8 – Relação comercial entre Argentina e Brasil do setor de flores de corte

Ano	IIC	Importações Mundiais da Argentina de Flores de Corte (US\$)	Exportações de Flores de Corte do Brasil para Argentina (US\$)	% de participação
2006	0,0037	1.615.383	52.366	3,24%
2007	0,006	2.760.301	90.748	3,29%
2008	-	2.370.522	0	-
2009	-	2.298.975	0	-
2010	-	2.381.167	0	-
2011	-	3.509.213	0	-
2012	-	3.029.148	0	-

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade/ONU.

O que se pode ressaltar é uma possível retração comercial, apresentando ausência na importação das flores de corte brasileiras pela Argentina, entre os anos de 2008 e 2012 (Tabela 8). Isso deve ter ocorrido devido à valorização do real frente ao dólar, ocorrida desde a crise financeira norte-americana e intensificada para outros parceiros comerciais no final de 2008, ou seja, o desaquecimento da economia mundial interfere no desempenho das exportações brasileiras de flores de corte. Assim, a partir do IIC da Argentina, pode-se ressaltar que não existe um comércio bilateral significativo de flores de corte entre Brasil e Argentina.

Além do que foi visto, pode-se observar que a relação comercial entre o Brasil-Paraguai e Brasil-Uruguai não obteve números favoráveis. As exportações de flores de corte para o Paraguai, a partir do Brasil, foram insignificantes e só existiu relação comercial neste setor no período analisado no ano de 2010, com valores atingindo US\$ 2.600 mil,

no qual o Brasil exportou neste mesmo ano US\$ 452.937,00 de flores de corte. Não mais distante, encontra-se o Uruguai, com uma relação bilateral sem grandes expectativas (Tabela 9).

Tabela 9 – Relação comercial entre Brasil-Uruguai: setor de flores de corte

Ano	Importações Mundiais do Uruguai de Flores de Corte (US\$)	Exportações de Flores de Corte do Brasil para Uruguai (US\$)	% de participação
2008	666.119	62	0,0093
2009	783.195	8.670	1,1
2010	885.393	-	-
2011	1.324.399	719	0,054
2012	1.731.439	8.242	0,47

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Un Comtrade/ONU.

De um modo geral, o grau de vulnerabilidade das empresas importadoras de flores de corte que fazem parte do Mercosul apresentou uma contração na liquidez internacional, menor a partir do ano de 2010, refletindo no aumento das importações após o período de crise internacional. O que pode ser verificado é a pouca expressividade das flores de corte brasileiras nas importações realizadas pelos parceiros comerciais intrablocos.

Considerações finais

O setor de flores de corte brasileiro precisa ajustar e usar suas vantagens comparativas e aproveitar a integração regional entre os blocos econômicos, para incrementar seus índices de penetração de mercado internacional através da integração produtiva, da remoção das barreiras físicas e legais ao comércio intra-Mercosul, crescimento da produtividade devido à localização geográfica, melhorias em infraestrutura logística, uniformizar os padrões de qualidade entre os parceiros comerciais.

Outro motivo explicativo para o baixo grau de penetração das flores de corte brasileiras seria a redução das exportações brasileiras de flores de corte, e isso acontece devido ao aumento da sensibilidade do consumidor doméstico ao produto e, assim, canaliza parte da produção que seria destinada à exportação para o mercado interno. Observa-se, com isso, no mercado interno, uma movimentação positiva do comércio doméstico nos últimos anos e uma crescente mobilidade financeira para a aquisição de flores e plantas ornamentais, provavelmente acarretadas pelo bom desempenho das políticas de transferência de renda e de desenvolvimento e crescimento econômico.

Outro impacto nas exportações brasileiras de flores de corte seria a taxa de câmbio, por conta dos preços dos insumos e dos produtos cotados em dólar. As oscilações

cambiais deixam as exportadoras vulneráveis e dependem da elasticidade-preço da demanda por importações e exportações.

Sendo assim, os índices indicam que o Brasil deixou de ser uma potência exportadora para ter potencial importador em flores de corte. Isto revela reflexos da valorização da floricultura e do crescimento do mercado interno.

Referências

ANDRIGHI, Orlando. **Análise do comércio externo da indústria têxtil**: confecções de Santa Catarina: 1996-2005. 2007. 92f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <http://www.portalcse.ufsc.br/gecon/coord_mono/2006.2/Orlando%20Andrighi.pdf> Acesso em: 12 jan. 2014.

ANUÁRIO de flores: um guia para um mercado crescente. **Jornal Entrepasto**. 2014. Disponível em: <<http://www.jornalentrepasto.com.br/index.php/midia/96-anuario-de-flores/167-anuario-de-flores-um-guia-para-um-mercado-de-mais-r-4-bilhoes>> Acesso em: 09 jan. 2014.

GONÇALVES, Reinaldo et al. **A nova economia internacional**: uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

HIDALGO, A. B.; CAMPOS, M. F. S. S. Abertura comercial e desigualdade de rendimentos: análise para as regiões brasileiras. **ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA. ANPEC, 15**. 2012. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files_/i6-7f-0fad894677b57e5ffb1ba23fbf3b05.doc> Acesso em: 06 jan. 2014

HIDALGO, Álvaro Barrantes ; FEISTEL, Paulo Ricardo. Mudanças na estrutura do comércio exterior brasileiro: uma análise sob a ótica da teoria de Heckscher-Ohlin. **Estud. Econ. [online]**. 2013, vol.43, n.1, pp. 79-108. ISSN 0101-4161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ee/v43n1/a04v43n1.pdf> Acesso em: 06 jan. 2014

IBRAFLO- Instituto Brasileiro de Floricultura. Dados do Mercado. **Informativo Ibraflor**. Dezembro de 2013. Disponível em: <<http://www.ibraflor.com/publicacoes/vw.php?cod=215>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

JUNQUEIRA, A. Hélio; PEETZ, M. da Silva. 2010: Balanço do Comércio Exterior da floricultura brasileira. Boletim de análise conjuntural do mercado de flores e plantas ornamentais no Brasil. **Contexto & Perspectiva**. março - 2011. Disponível em: <www.hortica.com.br> Acesso em: 29 dez. 2013.

_____. Análise Conjuntural do comércio exterior da floricultura Brasileira. 1º semestre de 2010. **Contexto & Perspectiva**. 2010. Disponível em: <www.hortica.com.br>. Acesso em: 29 dez. 2013.

_____. 2012: Balanço do comércio exterior da floricultura brasileira: boletim de análise conjuntural do mercado de flores e plantas ornamentais no Brasil. Janeiro de 2013. **Contexto & Perspectiva**. 2013. Disponível em: <<http://www.hortica.com.br/>>

artigos/2012_Balanco_do_Comercio_Exterior_da_Floricultura_Brasileira.pdf> . Acesso em: 15 jan. 2014.

KENEN, Peter Bain. **Economia Internacional: teoria e política**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional: teoria e política**. São Paulo: Pearson, Wesley, 2005.

MAIA, Jayme de Mariz. **Economia internacional e comércio exterior**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MEDEIROS, Henrique Jorge Marinho. **Teorias do comércio internacional e política comercial**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

MEERHAEGHE, Marcel A. Gilbert Van. **Economia Internacional**. São Paulo: Atlas, 1976.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

SILVA, Etevaldo Almeida. **Competitividade das exportações de plantas vivas e produtos de floricultura do Ceará e do Brasil de 1998 a 2004**. 2006.78f. Dissertação. (Mestrado em Economia Rural) – Departamento de Economia Agrícola. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <<http://www.cipedya.com/web/FileDetails.aspx?IDFile=159957>> Acesso em: 27 dez. 2013.

UN COMTRADE. **Divisão de estatística das Nações Unidas**. Database. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/db/>> Acesso em: 21 jan. 2014.

WILLIAMSON, John. **A economia aberta e a economia mundial: um texto de economia internacional**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

Recebido em: 03.11.2015

Aprovado em: 05.11.2015

Para referenciar este texto:

SILVA, P. P. M. G.; HIDALGO, A. B. Análise do potencial das flores de corte brasileiras entre MERCOSUL e UE no período de 2006 a 2012. **Lumen**, Recife, v. 24, n. 2, p. 11-28, jul./dez.2015.